



Cidadão Boilesen (Documentário)

Brasil, 2009, 92 minutos

Chaim Litewski

Flávia Santana¹

A participação de empresários na conspiração que levou ao golpe de 1964 não é novidade. Em seu livro *1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*, de 1981, René Armand Dreifuss² garante que se tratou de “um movimento de classe, e não um mero golpe militar”, ou seja, o golpe se concretizou com o envolvimento direto de uma elite orgânica que, segundo Maria Victoria Benevides³, era composta por empresários, intelectuais, militares e representantes de interesses financeiros multinacionais.

O trabalho que vem sendo realizado pelas Comissões da Verdade tem confirmado esse apoio do empresariado brasileiro. Durante sessão realizada pela Comissão da Verdade da Câmara Municipal de São Paulo, em 26 de novembro de 2013, o ex-governador biônico do estado entre 1975 e 1979, Paulo Egydio Martins, afirmou que é difícil encontrar empresa que não tenha financiado o golpe⁴. Segundo o ex-governante, “o volume de dinheiro repassado aos coronéis aumentava a cada discurso inflamado do Jango”.

No entanto, as Comissões da Verdade, assim como depoimentos de ex-presos políticos, têm revelado que a participação dos empresários não se restringiu ao golpe. Com os militares no poder, este apoio teve continuidade por meio do financiamento da repressão. Uma Audiência Pública realizada em fevereiro de 2013 pela Comissão Estadual da Verdade da Assembleia Legislativa de São Paulo, por exemplo, apontou uma estreita relação entre empresários, a embaixada americana e a repressão promovida pela ditadura militar brasileira⁵.

O avanço conquistado pelas Comissões da Verdade nesse sentido, isto é, confirmando o envolvimento de empresários com a repressão, torna pertinente o resgate do documentário *Cidadão Boilesen*, de 2009, que traz uma série de informações e documentos esclarecedores dessa ligação. Aqueles que gostam da temática da ditadura devem tê-lo na lista de preferidos, já que certamente o filme integra a boa safra de documentários sobre o assunto.

Dirigido por Chaim Litewski, o documentário trabalha com as expressões “dados pessoais” e “*curriculum vitae*” para trazer à tona a vida pessoal, social, profissional e política de Henning Albert Boilesen, dinamarquês naturalizado brasileiro que assumiu, numa ascensão meteórica, a presidência da Ultragaz, empresa líder no segmento de gás no Brasil, além de ter sido responsável pela criação do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

Embora Boilesen se configure como personagem principal, ele é apenas um exemplo daquilo que é o objetivo central deste longa-metragem: desnudar a participação do empresariado nos governos militares, não só apoiando o golpe de 1964, mas também financiando a repressão, voltada, primordialmente, à perseguição e tortura de grupos de esquerda e revolucionários que se opunham ao regime. Para que isso fosse possível, houve um eficiente trabalho de pesquisa sobre Boilesen, resgatando desde a sua infância na Dinamarca até o seu assassinato em 1971. Além disso, o documentário traz depoimentos de familiares e amigos do empresário, ex-militantes de esquerda, militares, jornalistas, ex-governantes, membros da Igreja, ex-agentes da repressão, entre outros personagens importantes da época.

Logo no início do filme⁶, apresenta-se um documento confidencial do Consulado Americano em São Paulo, destinado ao Secretário de Estado em Washington, que relata a morte de Henning Boilesen em 15 de abril de 1971, além de tornar evidente o seu envolvimento com os militares:

Henning Boilesen, que foi metralhado hoje pela manhã, era bem conhecido pelo Consulado. Ele era um dinamarquês naturalizado brasileiro, importante executivo do Grupo Ultra e presidente da Ultragaz, dirigida por Pery Igel, com quem Henning trabalhou em atividades que resultaram na revolução de 64. Ele era muito próximo a militares graduados e disse ao redator desta, várias vezes, que há dois anos ele colaborava com os militares em ações anti-terroristas, principalmente na Operação Bandeirantes.

Sobre os motivos que levaram Boilesen e grande parte do empresariado a apoiar o golpe de 1964, dois depoimentos do filme merecem destaque: o de Peter de Vos (oficial do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo naquele período) e do ex-governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, transcritos nesta ordem.

Existia um senhor chamado Fidel Castro, que estava no poder em Cuba. E no Brasil, no início dos anos 60, existia muita confusão política. E tínhamos medo de que essas confusões se espalhassem e virassem uma coisa contagiosa.

Formou-se um grupo de empresários para poder, então, estruturar uma reação à implantação da república socialista do seu Jango Goulart.

Como se pode perceber, ambas as falas demonstram a preocupação dos empresários brasileiros com a possível “comunização” do Brasil, conforme também relata, no documentário, o escritor Per Johns: *“João Goulart era uma ameaça, porque era leniente, esse era o âmbito, o espírito, dentro das empresas”*. E o escritor continua: *“Dentro das empresas, pensava-se assim, o empresário pensava assim, porque efetivamente ele temia a catástrofe, ou seja, um governo comunista”*.

Foi, portanto, esta a motivação do empresariado para apoiar o golpe de 1964. O coronel Tarcísio Nunes Ferreira, em seu depoimento para a equipe do filme, explica detalhes desta participação: *“O desejo do empresariado era defender os seus interesses, que estavam sendo arriscados se houvesse uma cubanização do Brasil. Eles viam grande risco aos seus negócios nisso”*. A fala do ex-delegado do Dops/SP⁷, Paulo Bonchristiano, também para o documentário, complementa a visão do coronel nesse sentido: *“Então, eles resolveram agir, e alguns entraram firme na situação, como foi o caso do Boilesen”*.

Para efetivar o apoio dos empresários e consolidar a sua aliança com os militares, houve todo um trabalho de aproximação que, no caso de São Paulo, foi mediado por políticos, dentre os quais, o ex-governador Paulo Egydio Martins, que confirma, em seu depoimento, ter sido o elo desta relação: *“Começou-se aí o contato, por meu intermédio, do civil com o militar”*.

O coronel Erasmo Dias, também entrevistado pela equipe de *Cidadão Boilesen*, afirma, inclusive, ter participado de encontros entre jornalistas, empresários e militares em São Paulo, comprovando, assim, a percepção apontada pelo historiador Carlos Fico de que *“a ditadura militar não é um fenômeno estritamente militar. (...) Foi civil-militar, com apoio dos empresários”*.

Paulo Egydio Martins conta que, quando o golpe se efetivou, vários empresários estavam reunidos no seu escritório, inclusive Boilesen, e estavam todos muito armados: *“Boilesen, por exemplo, tinha, eu me lembro disso claramente, uma metralhadora, que era uma arma muito moderna para a época”*.

No filme, apresenta-se um documento da CIA – *Central Intelligence Agency*, de 1970, que evidencia a continuidade dessa estreita ligação entre o empresariado e os militares, mesmo após o golpe:

Os maiores apreciadores do regime militar são os industriais brasileiros, a maioria em São Paulo, a metrópole que cresce rapidamente no Sudeste. A

indústria foi a maior beneficiada da política econômica do governo, e seus líderes mantêm relações próximas com representantes do governo e do Ministério da Fazenda.

De acordo com Per Johns, havia, inclusive, uma lista de empresas que mais contribuíam financeiramente com o regime, na qual a Ultragaz aparecia em primeiro lugar. O coronel Geraldo Cavagnari, em seu depoimento, complementa esta informação: *“Não foi todo empresariado que se envolveu, mas uma parte esteve realmente envolvida, direta ou indiretamente”*.

Algumas falas do filme são mais precisas, indicando empresas que apoiavam os militares diretamente, com recursos financeiros, ou indiretamente, cedendo equipamentos e infraestrutura para atividades de repressão. O jornalista Sílvio Ferraz, por exemplo, afirma que quase todas as empresas ligadas à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) colaboraram com o regime, assim como aquelas vinculadas a indústria automobilística e de material pesado. Já Percival de Souza menciona os banqueiros, enquanto Daniel Aarão Reis Filho cita a Folha de S. Paulo, que emprestava suas caminhonetes para o trabalho da repressão.

Quanto à explicação para a manutenção do apoio do empresariado ao regime após o golpe, o jornalista Percival de Souza ressalta que os militares foram muito habilidosos em cultivar nos empresários o clima de insegurança. Além disso, o documentário esclarece que, a partir de 1964, um grupo mais radical acreditava que, para garantir a continuidade da “revolução”, era preciso realizar uma grande operação limpeza no Brasil, eliminando comunistas, subversivos etc. O historiador Carlos Fico explica melhor a visão desse grupo: *“O inimigo está no interior do próprio País e é a ameaça comunista na figura dos próprios nacionais. Então, toda uma nova estratégia militar deve ser traçada para combatê-lo”*.

Com esse objetivo, portanto, o exército, por meio do seu alto comando, resolveu formar um núcleo central da repressão. Assim surge a Operação Bandeirante, criada, segundo Paulo Bonchristiano, *“por necessidade militar. Eles precisavam de um órgão que pudesse fazer a luta contra as forças de esquerda, mas no meio civil”*.

Sediada em São Paulo, a Operação Bandeirante (Oban) ficou conhecida, conforme o jornalista Helio Contreiras, como *“a mais radical, a mais cruel operação da repressão durante o regime militar brasileiro”*. A escolha da capital paulista como sede da Oban é justificada pelo coronel Jarbas Passarinho, em depoimento para o documentário: *“Onde é que houve problema militar? Onde é que houve problema das greves violentas? Onde é que houve a mudança da Igreja? Tudo no mesmo lugar. Então, esse era o lugar certo, evidentemente, para se fazer um esforço principal”*.

Diante de todas as evidências trazidas pelo filme sobre a estreita relação entre o empresariado e os militares, uma dúvida pode, ainda, persistir: se foram tantos os empresários que financiaram o golpe e, depois, a repressão, por que Henning Boilesen mereceu todo esse destaque, culminando, inclusive, na produção do documentário?

O caso de Henning Boilesen era bem particular. Afinal, o empresário não só apoiou financeiramente o golpe e as atividades de repressão, como também participava de sessões de interrogatório e tortura na sede da Oban, conforme relata o ex-dirigente do PCB (Partido Comunista Brasileiro), Jacob Gorender: “*Ele, pessoalmente, frequentava a Operação Bandeirante, ia ver os presos e assistia às sessões de tortura*”. Há, ainda, outro trecho do filme em que o narrador evidencia essa ligação dele com a repressão: “*Boilesen vivia cercado de personalidade policiais e militares; pessoas que, sabemos, estavam envolvidas com a tortura e o Esquadrão da Morte*⁸. *Entre ele, Sérgio Fleury*⁹, *grande amigo de Boilesen*”.

A justificativa de amigos de Boilesen para este nível de envolvimento era a aversão que ele tinha aos comunistas: “*Ele achava que o Brasil deveria ser um país livre de comunistas. Ele ficava exaltado quando via comunistas*” (Villy Lehmann, empresário e amigo de Boilesen). No documentário, conta-se, inclusive, que ele criou uma máquina de choque elétrico, que ficou conhecida como Pianola Boilesen.

Além de participar das sessões de tortura e ceder caminhões e equipamentos do Grupo Ultra para as perseguições a militantes de esquerda, Boilesen tinha um papel central no financiamento da repressão. Era ele um dos responsáveis por recolher os recursos com os empresários, conforme relata Sílvio Ferraz:

‘Parece que toda quinta-feira tinha uma reunião, um almoço, e ele [Boilesen] levava sempre a reboque o Ministro Delfim Netto. O Delfim respondia perguntas eventuais, e o Dr. Gastão passava o chapéu, dizendo: ‘Bom, agora vamos fazer as colaborações para OBAN’. E passava a bandeja, e nessa bandeja, iam sendo depositados os cheques’. (grifo nosso)

Percival de Souza lembra de uma dessas situações em que Boilesen arrecadava recursos para financiar a repressão: “*Então, os empresários sacavam seus cheques, e o primeiro deles passou seu cheque para o Boilesen. Ele olhou, devolveu e disse: ‘Faça um no valor dobrado’*”.

A escolha de Boilesen como responsável por levantar, com os empresários, os recursos necessários para financiar a repressão não era fruto do acaso. Como afirma, no filme, o psicólogo Ebbe Rosengaard, “*ele tinha muito magnetismo e muito carisma. As pessoas paravam para ouvir Henning. Ele tinha uma liderança natural sobre as pessoas*”. Pode-se dizer, portanto, que esse traço

de personalidade permitiu que Boilesen cumprisse, com sucesso, o seu papel como intermediário entre os recursos do empresariado e a estrutura de repressão do regime, conforme defende seu filho, Henning Boilesen Jr.: “Quando você fazia uma campanha, qualquer coisa, que ele se engajava, ele conseguia associação de empresários que era de se tirar o chapéu”.

Inicialmente, não havia informações sobre o apoio de Boilesen à repressão. Sabia-se, apenas, por meio de relatos de companheiros que haviam sido presos, que o Grupo Ultra estava financiando a Oban. No entanto, as constantes visitas de Boilesen à sede da operação chamou a atenção das organizações de esquerda. E com esse nível de envolvimento, era de se esperar que ele tivesse que arcar com as consequências. E foi o que aconteceu. No dia 15 de abril de 1971, ele foi assassinado por militantes revolucionários do MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes) e da ALN (Ação Libertadora Nacional), que decidiram por seu justicamento, segundo relembra o ex-militante da ALN, Carlos Eugênio da Paz:

Houve não apenas um acordo completo dentro da nossa organização, como dentro do MRT, porque os companheiros de lá também disseram que era unânime que ele era uma pessoa que podia e que devia ser justicada em represália. Quer dizer, estava na hora deles começarem a pagar também. Não apenas o soldadinho que chegava na hora do combate com a gente; um cara lá, um Pmzinho daqueles que chegavam num combate, levava três tiros e morria, enquanto os grandões, os figurões continuavam frequentando os salões, continuavam aparecendo nas colunas sociais e matando nossos companheiros daquela forma como estavam matando.

Atualmente, não restam dúvidas da participação e apoio do empresariado ao regime civil-militar brasileiro. O avanço dos trabalhos das Comissões da Verdade tem evidenciado cada vez mais a existência dessa estreita ligação entre empresários e militares. Boilesen é apenas mais um entre tantos outros. E como já foi dito, só mereceu o destaque porque optou por se envolver além da ajuda financeira, pagando um alto preço por essa escolha.

Aqueles que pesquisam ou se interessam pela temática da ditadura brasileira não podem deixar de assistir *Cidadão Boilesen*. Além dos depoimentos aqui mencionados, a documentação, as belas imagens resgatadas, e as falas dos personagens que vivenciaram essa época fornecem importantes pistas de como foi articulado o golpe de 1964, bem como esclarecem pontos importantes dessa relação entre o empresariado e os militares neste período. Documentário mais do que recomendado para se conhecer um pouco mais sobre esse triste episódio da história do Brasil!

NOTAS

¹ Graduada em Comunicação Social pela Unesp/Bauru. É mestre e doutoranda em História Social pela FFLCH/USP. Pesquisa movimento estudantil e ensino superior na ditadura civil-militar brasileira. Atualmente, é coordenadora de comunicação e educação online na Escola Nacional de Formação do PT. Contato da autora: eol.flaviasantana@enfpt.org.br

² DREIFUSS, René A. 1964: *A conquista do Estado (Ação política, poder e golpe de classe)*. Petrópolis: Vozes, 1981.

³ BENEVIDES, Maria Victoria. 64, um golpe de classe? (Sobre um livro de René Dreiffuss). *Lua Nova*, nº 58, 2003, p. 255 e 256. Endereço eletrônico: www.scielo.br/pdf/In/n58/a12n58.pdf. Acesso em: 14 dez. 2013.

⁴ O depoimento de Paulo Egydio Martins e as informações sobre esta sessão da Comissão da Verdade da Câmara Municipal de São Paulo estão em: GOMES, Rodrigo. “É difícil encontrar empresa que não tenha financiado o golpe”, diz ex-governador. *Rede Brasil Atual*, 27/11/2013. Endereço eletrônico: <www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/11/ex-governador-afirma-que-herzog-pode-ter-sido-morto-para-de-sestabilizar-ditador-geisel-6635.html>. Acesso em: 13 dez. 2013.

⁵ As informações sobre a Audiência Pública estão em: QUADROS, Vasconcelos. Registros revelam ligação de empresários e embaixada com o regime militar em SP. *Último Segundo*. IG São Paulo, 16/02/2013. Endereço eletrônico: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-02-16/registros-revelam-ligacao-de-empresarios-e-embaxada-com-o-regime-militar-em-sp.html>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

⁶ A partir deste parágrafo, todos os depoimentos, falas e citações foram extraídos do documentário *Cidadão Boilesen*.

⁷ Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo.

⁸ No documentário, Percival de Souza lembra que a “ideologia do Esquadrão era a eliminação sumária de marginais”, modelo que foi transplantado para a Operação Bandeirante.

⁹ A fama de Sérgio Fleury é muito conhecida entre ex-militantes de esquerda presos naquela época. Cleuzer Rocha, uma ex-militante, em depoimento para o documentário, lembra: “Ele era um monstro. Eles estavam drogados sempre. Ele era uma pessoa que você sentia aquele coisa ruim nele”.